A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

ANO II — NUMERO 68 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES

Salvé o Primeiro de Maio!

Dia bemdito o do Trabalho! Dia Santo aquele que é purificado pelo esforço sagrado da lucta pela vida!

O DOMINGO ilustrado

ANO II — LISBOA 2 DE MAIO DE 1926 — N.º 68

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO ilustrado

DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N. — CHEFE DA REDACÇÃO HENRIQUE ROLDÃO—EDITOR JULIO MARQUES—IMPRESSÃO—R. do Seculo, 150

ECOS

Antes isso!

Os estudantes do curso medico de Coimbra fizeram uma garraiada. Foi, ao que parece, grossa brincadeira com sua cabeça saudavelmente partida.

A grande festa escolar, ainda nós não a sabemos fazer.

Os estudantes da Escola Medica, e doutras escolas superiores de Paris, querendo ha tempos realisar alguma coisa de notavel e de... novo, evocaram uma parada da Grecia antiga no Stadium Olimpico.

Foi um fiasco. A avançada dos Apolos, de oculos, com o peito para dentro e as caniculas magras sobre as sandalias do guarda-roupa—metia nojo!

Antes as cambalhotas de Coimbra—com mil demonios!

Rebola a bola... ou «O Grupo dos 11»

Fizemos uma triste figura em França, no que respeita a foot-ball. Foi o que se chama uma «sujeira» em toda a linha. Os nossos jogadores foram apupados e ridicularisados. E porque foi isso?

Porque não houve a preparação devida e porque ao entrarem no campo de Toulouse os nossos homens estavam esgotados.

E' raro que vá daqui uma embaixada desportiva. O mais que se consegue é um «Sol e dó» de pandegos, um «Grupo dos 11» que vai beberricar com as hespanholas ou com as francezas e que em geral leva para o seu tabaco...

Quando será que nós adquiriremos a serio a noção das responsabilidades?

O pintor sem mãos

Um velho numero de feira está agora no Coliseu. E' aquele homem que não tendo mãos resolveu fazer o que fazem alguns que não têm cabeça: ser pintor.

Ele fala, em seus reclames, do agrado com que a critica (!) tem recebido os seus quadros—aqueles estridulos poentes onde surje uma ponte romana e o seu inevitavel regato.

Se este artista de alta escola não possuisse, infelizmente, apenas côtos, dir-lhe-hiamos que desse as mãos áquela simpatica menina dos calendarios a quem chamaram a «nossa primeira pintora de flôres» e áquele honesto funcionario da Imprensa Nacional que foi furiosamente comparado a Miguel Angelo e a Vinci...

Má-Lingua

Por ter chegado tarde esta semana a colaboração do nosso querido camarada Thomaz Ribeiro Colaço, não publicamos neste numero a sua secção.

Visitas

Recebemos a visita de «O Correio da Noite» «A Voz de Agueda», «A Situação» de Loanda «O Telegrafo-Postal», «O Cócórocó», as «Mulheres do Norte», etc., etc.

Os nossos agradecimentos.

BOM REMEDIO

Oh! com os diabos! Caiu-me o pastel ao chão! Agora o seu cão vai comer-mo. Tenho medo!
—Não. Eu ponho-lhe um pé em cima.

questão prévia

PARA mais vincadamente marcar o meu desinteresse pela questão dos tabacos—deixei de fumar. Seja embora o assunto do dia a «regie», ou a liberdade de fabrico, o monopolio ou outra qualquer manigancia regulamentada e legal, a verdade é que, a respeito de tabacos, a mim e portanto, á cronica só um regimen interessa: a abstinencia.

Vinte e seis anos de escravidão, de catarro tabaqueiro, de mau halito, de unhas crestadas, de dinheiro queimado e disperso em fumo, foram vencidos por um minuto de bom senso e por umas horas de resolução inabalavel e de força, quasi muscular, da vontade.

Fumar, ao cabo dum certo tempo, torna-se instintivo. O gesto de enrolar o cigarro ou de puxar da cigarreira libertam-se do dominio da vontade e adquirem a independencia de outros movimentos fisiologicos, sob o comando directo dos grandes nervos, como as contracções do estomago e intestinos.

Deixar de fumar é, por consequencia, um empreendimento simples e formidavel: trata-se de retirar ao organismo um elemento, embora toxico, que ele está habituado a assimilar e de suprimir-lhe uma função que ele já instintiva e quasi voluntariamente exercia. Conseguir não voltar a acender um cigarro é um verdadeiro triunfo do moral sobre o fisico, da inteligencia sobre os sentidos, é qualquer coisa parecida com o que os *fakires* conseguem de maravilhoso sobre certas funções fisiologicas, eliminando-as ou reduzindo-as.

* * *

Deixando estas ligeiras embofias de explicação scientifica, que ficam mal ao meu lacismo medico, permitam-me que lhes afirme, com experimentado conhecimento, que abdicar do cigarrinho é um destes sacrificios que só mede bem quem por ele passa.

Só lhes digo que se Diocleciano e outros fabricantes de martires tivessem ao seu dispôr este suplicio de supressão do tabaco, os liões do circo romano não teriam morrido de indigestão de cristãos ao natural, petisco frequente nesses tempos remotos em que os cristãos, ainda puros e ingenuos, eram facilmente comidos.

Esta croniquêta semanal representava para mim oito ou dez cigarros devorados avidamente ao alinhar a prosa. Todos nós, os que escrevemos e fumamos, temos a preocupação pretenciosa de que o tabaco nos excita as faculdades, quando afinal nós é que, com estes elogios, infundamentados, excitamos as faculdades do tabaco. Os dez cigarrinhos consumidos em holocausto á cronica não me traziam uma idéa, nem me arredondavam uma frase, mas em compensação, ao fechar a prosa, deixavam-me a pesada e desagradavel impressão de ter fumado um boi.

Todos os fumadores se lembram de que os primeiros cigarros—tão desagradaveis!—são fumados como afirmação de virilidade. Fuma-se, para se ser um homem.

Agora, já não é precisa nem possivel esta afirmação, porque são as mulheres que começam a fumar, para mostrarem que são mulheres modernas. E' a nossa vez de lhes deixarmos o uso do tabaco, a elas e aos homens que as imitam, como dantes algumas nos imitavam a nós.

DIAS SANTOS D'HONTEM... FERIADOS D'HOJE

S. João troveiro barato
Das mais singelas canções
P'ra ser um poeta lirico
Passou a ser S. Camões.

A Pascôa f'riado velho,
Só d'anos já tem dois mil,
P'ra contentar os d'agora
Chama-se Nove d'Abril.

O talassa Carnaval,
Hoje dos republicanos,
Por assim ter aderido
Todos festejam seus anos.

O Ano Bom e Natal
P'ra não vos fazer quizilia,
São ainda bem de festa
Porque hoje é tudo... familia!

Santo Antonio taumaturgo
Pôz em Maio a sua vista,
Armou-se em Navegador
Do Brazil foi-se á conquista.

Os Magos Reis em revolta
Atroando o Porto inteiro,
Fizeram-se jacobinos
No trinta e um de Janeiro.

O primeiro de Novembro
Dias de todos os santos,
Passou p'ra cinco d'Outubro
Onde havia mais uns quantos...

E o dia da Imaculada
Padroeira Nacional,
De mal o Estado co'a Egreja...
Restaurou-se o Portugal!...

Fartos do dia da espiga
(Quinta feira d'Ascenção),
Arranjou-se a Independencia
P'ra agradar ao povo irmão.

FERNAND'ALMIRO

Aos artistas novos

O Domingo ilustrado *convida aqueles artistas novos que sintam disposição para desenharem reconstituições graficasno genero das capas que costumamos reproduzir, a enviarem-nos alguma produção com acontecimento que julguem merecedor do* Domingo. *No caso de serem aceites, pagamos por preço elevado esses desenhos.*

ECOS

Os escândalos da Policia

Quem trabalha nos jornais já ha muito ouvia, pelos corredores do Governo Civil, o relato surdo de escândalos varios, em que certos agentes recebiam grossas maquias.

A onda de imoralidade atingiu tudo—inclusivé aqueles cuja funcção é reprimil-a. E' preciso começar justamente pelo principio—organisar a policia. Como? Em primeiro lugar dinheiro, bastante dinheiro, para que os agentes da autoridade vivam decentemente e não tenham que recorrer a expedientes varios. Depois uma purificação implacavel, rigorosa e absoluta. Convençam de que, procurando bem ainda encontram gente seria.

A macaqueação

Um burgo triste de provincia, onde os acasos da vida varias vezes nos arrastam, é um especimen do que pode a macaqueação indigena.

Longe de procurar valorisar o seu pitoresco local, conservando os seus monumentos, restaurando a sua arquitectura, saneando e embelesando a sua vida, esta cidade de que vos falamos procura apenas imitar a capital com alguns detalhes que resultam, ali, ridiculos.

Agora, á esquina duma viela, onde de quarto em quarto de hora passa uma carroça, instalou um policia «de transito», com seu braçal vermelho e seu pausinho branco.. E julga esta cidade que avança vertiginosa para o progresso...

Vergonha

Ha bocado, depois duma sessão tumultuosa, ridicula, indecente, na camara dos deputados, vimos descer o Chiado alguns parlamentares.

Riam a bom rir, com gargalhadas alvares, inconscientes, que lhes davam as fisionomias o ar de «bons-vivants» que regressassem das certas, alegres e bem dispostos.

Qualquer de nós, quando nas nossas emprezas temos uma questão, nos exaltamos, as coisas nos correm tortas—vimos para casa aborrecidos. Os parlamentares, não são uns sem áparte. O ser emprego é unico. Fartam-se de dizer asneiras, sem gramatica e sem senso dão ao paiz um espectaculo despresivel, tomam perante a miseria publica tremendas responsabilidades—mas riem sempre, comem sempre, e descem sempre o Chiado, felizes. Ah! bom chicote...

Norberto Lopes

Colabora hoje pela primeira vez no «Domingo» o brilhante jornalista que no «Diario de Lisboa» se firmou um profissional de muito merito—Norberto Lopes.

A admiravel novela que hoje publicamos, assinada pelo notavel cronista da «Viagem aerea Lisboa-Rio», assignala bem a sua prosa plastica e moderna.

Matos Sequeira dar-nos-ha uma pagina soberba no proximo numero.

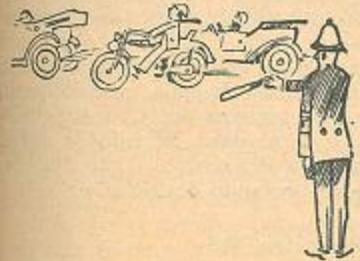
EXPEDIENTE

—O menino faz favor de fazer o seu thema. Não se esqueça que estamos na terra para trabalhar!
—Ah! Mas eu quero ser oficial de marinha!...

HUMORISMO

crónica alegre

A CIDADE BARULHENTA E MAL CHEIROSA.

DESDE que se inventaram os policias de transito, o Rocio tem tomado, aí pelas seis da tarde, um aspecto curioso. A um gesto da varinha de condão de que estão munidos os agentes, forma-se rapidamente na Rua do Ouro uma bicha de sete electricos parados. A' ilharga destes colocam em profundidade quatorze automoveis. E, talvez com mêdo que o policia adormeça na encrusilhada, os guarda-freios tocam as campainhas, os motoristas apertam as buzinas e abrem os escapes. Daqui resulta uma pequena sinfonia futurista, que, repetindo-se a meudo, põe em carne viva os timpanos dos pobres moradores e logistas

Junte-se a isto que qualquer tourada, torneio de «box», abertura de congresso partidario, aniversario de revolução e proêsa de aviadores é retumbantemente anunciada com morteiros, que os veiculos de motor não sabem andar senão com o citado escape em plena actividade, que toda a gente grita e apregôa, que se toca impunemente piano e gramófone até altas horas da noite e constataremos que se faz em Lisboa trinta vêses mais barulho que em qualquer capital civilisada. Se em Paris, Berlim ou Londres fossem consentidos morteiros, escapes abertos e buzinas a desproposito de tudo, a vida seria lá impossivel. Nós aqui estamos conformados e a chiada faz parte da nossa maneira de ser. Claro está que bastaria um edital da policia punindo com quinhentos mil réis de multa a polvora intempestiva e com a cassação de licença os automoveis bulhentos e fedorentos para isto terminar em vinte e quatro horas. Mas, ao que parece, assim é que está bem. «Fen de brut»! — façamos barulho, — como se dizia em Tarascon nos tempos de Tartarin. Pois sim. Mas não se admirem quando virem os estrangeiros com cara de assombrados. Coitados! Não estão acostumados.

O CHAPEU CÔR DE ROSA

Conta Henri Heine algures, nos seus «Reisebilder» que foi certa noite ver representar um drama terrivel num teátro dessa época. Coube-lhe, porem, a sorte de ficar sentado por detraz duma rapariga com um largo chapeu de gaze côr de rosa. Todas as peripécias terriveis e sangrentas do drama viu-as Heine atravez desse colorido veu e não houve forma de se impressionar. Antes, pelo contrário, saiu do teátro sorridente e bem disposto.

Não levarei o meu exagêro ao ponto de dizer que a Divina Providencia gratificou cada alfacinha com uma senhora de chapeu côr de rosa. Certo é que, segundo me parece, aquele côro de lamentações contra a carestia e as dificuldades da vida, que mezes atraz ouviamos constantemente, vae abrandando um tudo nada. Vamo-nos afazendo ás circunstancias, ao novo dinheiro. Certas quantias que nos causavam pavôr já hoje as encaramos com serenidade. Sabemos que a libra, nossa verdadeira moeda, vale vinte vezes mais do que valia. Multiplicamos e dividimos por vinte e verificamos que, melhor ou peor, a vida se aproxima das proporções antigas e que, portanto, não ha que gemer com saudades. Salvo em alguns casos que não são o maior numero, todos os salarios e retribuições cresceram na proporção do cambio que

nos rége. Se ha cousas mais caras, ha tambem algumas mais baratas.

A febre da ganancia acalmou-se bastante e a febre de gastar, a ancia de gosar — verdadeira fonte do desiquilibrio — tambem se aquietou um pouco. Cada um olha um pouco mais para si e mênos para os outros. A necessidade estimulou muitas actividades. Verificou-se que é dentro da logica que se vive e que fôra dela não ha salvação possivel. E' ela, afinal, a senhora de chapeu côr de rosa atravez do qual a vida nos aparece tal como é, nem tão bôa como desejariamos, nem tão má como a nossa imaginação transviada no-la fazia ver.

QUESTÃO DE PALAVRAS

Ha dias no tribunal dos pequenos delictos foi julgado um senhor que numa questão de palavras com uma

madama tinha tratado esta de *estafermo*. O reu foi condenado em duzentos escudos de multa.

Ouvida a sentença, ficou duro como podem calcular. No entanto, perguntou ao juiz:

—E' então um crime chamar estafermo a uma senhora?

—Um crime, não, respondeu o juiz. Um delicto, pelo mênos.

—E chamar senhora a um estafermo?

—Isso evidentemente não, lhe explicou o magistrado sorrindo.

O reu, então, voltou-se para a queixosa e muito amavel disse-lhe:

—«Passe muito bem, minha senhora...

AS DIFICULDADES DA VIDA

Num restaurante um cliente encomenda uma sopa. O creado trá-la dali a pouco: mas eis que o freguez exclama:

—Não posso comer esta sopa.

—Nesse caso, trago-lhe outra de rabo de boi...

Comparece o *ox-tail*, como diria Loyd George.

—Não posso comer esta sopa, torna a diser o cliente.

—Então talvez uma canjinha.

—Pois sim...

Mas a canja não é mais feliz.

—Não posso comer esta sopa, repete o nosso homem.

Vem um puré de hortaliças, vem uma sopa alemtejana, vem um caldo de cosido... E sempre o mesmo brado angustioso:

—Não posso comer esta sopa...

—Mas porquê? atreve-se finalmente a perguntar o creado.

—Porque não tenho colher.

AS NOSSAS PAULITEIRAS

Uma das nossas actrizes — não lhe cito o nome porque são muitas — é bastante *pauliteira*.

Ultimamente explicava que andava em tratamento duma maleita qualquer e que o medico lhe dava umas injecções *subtaneas*.

—Sub... cu... taneas, emendou uma amiga mais entendida.

—Pois é... Exactamente nesse sitio... Não disia porque se escusa de saber.

ANDRÉ BRUN

NO PROXIMO NUMERO

UMA PAGINA DE PITORESCA

ARQUEOLOGIA LISBOETA

PELO

EMINENTE ARQUEOLOGO

E ACADEMICO

Matos Sequeira

OH! DIABO!

—Imagine! minha irmã acaba de ter uma creança mas ainda se não lhe reconhece o sexo, de forma que es ou aqui sem saber se sou tio ou tia!!..,

PREVIDENCIA

—E' o medico...
—Já sabes que não recebo ninguem... Estou doente!

Curiosidades

COSTUME PERSA

Na Persia, cada dia do mês tem um nome diferente. Compreende-se a dificuldade que terá um estrangeiro antes de saber a quantas anda...

BARALHOS DE CARTAS

As cartas de jogar francezas têm um naipe de «quadrados» («carreame»), outro de «corações» («coeurs»), outro de folhas de «trêvo» («tréfles»), e outras de «ferros de lanças» («piques») e os naipes tomam, por causa destas representações, os nomes de «carreame», «coeurs», «tréfles» e «piques». As cartas espanholas têm quatro naipes: um com moedas de oiro, outro com taças, outro com uns peixes a que chamam paus, e, finalmente, um com espadas; por isso, chamam-se naipes de oiros copas, paus e estradas. Nós fizemos o nosso baralho tirando aos franceses o desenho dos naipes e aos espanhoes os nomes dos mesmos. Daqui resultou o disparate de chamarmos «oiros» a uns quadrados vermelhos, «copas» a uns corações, «paus» a umas folhinhas de trêvo e «espadas» a umas pontas de lanças.

O TAMANHO DO BRAZIL

O mais pequeno dos Estados brasileiros (o de Sergipe) é maior do que a Dinamarca a Holanda ou a Belgica. O estado do Rio de Janeiro é igual á Suissa e á Belgica reunidas. Ceará é maior que Portugal. S. Paulo é pouco menor do que a Italia. Bahia é igual á Italia, Portugal e Dinamarca, reunidos. Maranhão é pouco menor do que a Espanha. A superficie do Brazil é maior do que a de seis principais Estados europeus:—Russia Européa, Suecia, Noruega, Austria, Hungria, Alemanha e França.

IDADE DOS ANIMAIS

O «récord», da longevidade, entre os animais, pertence ao kágado que, em condições favoraveis, pode viver três ou quatro séculos. Em 1906, morreu no Jardim Zoologico de Londres um dêstes animais, ao qual se atribuiam trezentos e cincoenta anos de existência, pelo menos. O crocodilo tambem pode viver três seculos. Entre os animais domesticos, o cavalo é dos que vivem mais; vinte e sete anos é, em media, a duração da sua vida. A vaca e o carneiro vivem até aos vinte e cinco anos, o cão e a cabra chegam aos quinze; o gato aos treze, e a ovelha ao doze. O elefante pode completar cem anos. O leão e o camelo nunca excedem os quarenta anos de vida.

O PRIMEIRO VAPOR TRANSATLANTICO

O primeiro vapor que fez uma viagem atravez do Oceano Atlantico foi o «Savannah», de 350 toneladas e de 30 metros de comprimento. Saiu de Savannah a 24 de Maio de 1819 e chegou a Liverpool a 20 de Junho.

Os coches reais portugueses

AGORA que o *taxi* reina, como senhor absoluto pelas avenidas, ruas e vielas dêste velho burgo de Lisboa, não é demais que se lance um olhar de simpatia para as douradas traquitanas qne estão recolhidas no museu de Belem e que são os verdadeiros antepassados da «limousine» do presidente da Republica. E' ao inteligente criterio da ultima rainha de Portugal que se deve a salvação dessas últimas reliquias do fausto palaciano português, reliquias que iam apodrecendo, dia a dia mal arrecadadas e cuidadas.

O coche, de invenção hungara, foi introduzido em Portugal quando reinava na Peninsula o senhor rei Filipe II de Castela. Até ao tempo do cardeal-rei, o viajante português só usava de cavalo, de liteira ou de andas, nome dado a um taboleiro ou leito sem cauda nem cobertura, munido de varais a que puxavam homens ou cavalos. O povo cavalgava mulas; os nobres e principes, utilizavam só cavalos; as mulheres, principalmente as plebêas, optavam pelo jumento inofensivo.

Em fevereiro de 1581, Filipe II, ao vir a Portugal tomar posse do trono que usurpava, trouxe os primeiros coches que entre nós apareceram e que tinham o nome de *estufas*. Dois anos depois, quando o rei regressou a Madrid, já o uso pegara de moda e já os duques de Bragança e de Aveiro e outros nobres se cruzavam de coche pelas ruas da velha Lisboa quinhentista.

Em 1619, quando Filipe III veiu a Lisboa para assistir ao juramento de filho como sucessor da coroa, já na solenidade do desembarque no Terreiro do Paço figuram dezenas de coches. Um dos coches trazidos por este soberano ficou em Portugal e é uma das mais valiosas especies que se podem admirar no museu; é pequeno, baixo e tôsco, o que só revela a sua autenticidade como especimen remontando ao alvorocer da respectiva industria.

D. João IV já teve varios coches, mas utilizou-se sempre, nas grandes solenidades, dum que lhe ofereceu Tomé de Sousa, o rico alcaide-mor de Monte-Alegre, no dia 6 de Dezembro de 1640, data em que o duque de Bragança, vindo de Vila Viçosa, desembarcou em Lisboa, já feito rei de Portugal. No cortejo que, em abril de 1662, conduziu a infanta D. Catarina filha de D. João IV e esposa de Carlos II de Inglaterra—, desde os paços da Ribeira á Sé e deste templo ao Cais, onde ia embarcar a caminho da sua nova patria, seguia uma luzida comitiva de que faziam parte muitos sumptuosos coches e *carroças*, nome dado aos coches descobertos.

A rainha de Portugal D. Maria Francisca, esposa de dois reis irmãos Afonso VI e Pedro II—trouxe para Portugal um coche que lhe oferecera Luís XIV e que, muito bem restaurado e conservado, figura na coleção do museu.

D. João V, não encontrando fundo ao ouro das minas do Brazil, deu largas ao seu amor ao luxo, mandando, por si só, construir mais coches do que todos os seus antecessores e sucessores, reunidos. Os que se fizeram para o seu casamento com D. Maria Ana de Austria excederam, em luxo, todos os que já existiam; tinham ornatos de ouro e prata, estatuas e figuras alegoricas de talha doirada e otima escultura. A rainha D. Maria Ana trouxe, como era costume, um coche, o qual lhe fôra oferecido por seu irmão, José II, imperador da Alemanha; restaurado em 1862, foi dele que se utilisaram o rei D. Luiz e a rainha D. Maria Pia, no dia do seu casamento. Figura no museu, onde ocupa, pela sua riqueza, um logar de destaque. Na Holanda, em Paris e em Roma foram feitos, expressamente, os varios coches, riquissimos, que figuraram nas tres grandes embaixadas que D. João V mandou ao estrangeiro. Dêsses já nenhum resta, mas, em compensação, temos o que o papa Clemente XI ofereceu ao nosso rei magnifico, como agradecimento pela honra da pomposa embaixada que lhe enviou.

Ficaram celebres, pela riqueza, os 49 coches que acompanharam D. João V quando este foi á fronteira de Espanha negociar o casamento de dois dos seus filhos.

O coche em que seguia o rei—e que está no museu—é enorme mas elegante, cheio de bela talha dourada, com decorações nos paineis da cauda, forrado, por dentro, de brocado de seda verde recamado de ouro, tendo o *persevão* (a parte onde assenta os pés quem vá dentro) todo em tartaruga e metal marchetados com suma delicadeza. Sobre o tejadilho tem uma magestosa coroa real. Foi nêsse coche que seguiram até á Igreja, no dia do seu casamento, as rainhas D. Maria II, D. Estefania e D. Maria Pia.

O grande terremoto de 1755 poupou, felizmente as cocheiras reais onde se achava a maior parte dos coches e que era no sitio do Calvario, fóra de portas. D. José mandou tambem construir belos coches, não só para substituir os que o terremoto aniquilou nas cocheiras dos paços da Ribeira, como para se estrearem nas grandiosas festas da inauguração da estatua equestre. D. Maria I tambem estreou um coche já mais modesto no dia 6 de Junho de 1871, quando foi assistir á inauguração do convento e templo da Estrela.

Pouco a pouco a industria dos coches foi-se aperfeiçoando sob o ponto de vista pratico e decaindo no que respeita á imponencia, elegancia e beleza.

Tantos coches reais houve em Portugal que, apesar do terremoto, apesar de D. João VI ter levado mais de quarenta para o Brazil, apesar de terem saido outros do reino, por varios motivos, e apesar de se terem vendido os mais deteriorados, ainda existem todos os que se admiram no curioso museu de Belem, recanto onde repousa adormecida, inutil, pesada e ingloria, alguma cousa que se identifica um pouco com a propria gloria de Portugal.

CABELOS PINTADOS

E' bem remota a moda de pintar os cabelos. Já no século de Péricles os gregos a adoptaram. Os Romanos, por imitação introduziram êsse uso, as mulheres quizeram ser louras, para dar uma nota original á sua beleza morena. Os Gaulezes apreciavam muito os cabelos ruivos e, para os conseguirem, recorriam a uma mistura de cinza e sabão, com que esfregavam a cabeça. Para evitar a calvicie, usavam a banha de urso. Os tempos modernos conheceram os cabelos embranquecidos á força de pó de arroz e de polvilho.

DOIS ESTRANHOS AMIGOS

Num livro de viagens, o capitão Carnatic conta que, na India, meteram na jaula dum tigre esfomeado, um cão destinado a ser comido num abrir e fechar de olhos. A fera atacou-o mas o cão defendeu-se furiosameute mordendo-a no pescoço. Passado pouco tempo, o tigre deixou de atacar e permitiu que o cão participasse da sua ração de arroz e leite. Pouco a pouco tornaram-se grandes amigos. O cão entrava e saia da jaula, quando queria, por uma pequena porta. Na sua ausência, o tigre dava lamentosos uivos. Quando a fera morreu, o cão deu mostros de profundo desgôsto.

A RAINHA DAS VACAS

Em Agassir (Columbia Ingleza) existe uma vaca chamaca May Echo que bateu um «récord», quanto a produção de leite e manteiga. Durante o ano de 1924, deu 30 886 libras de leite, das quais se tiraram 1675 libras de manteiga. Chegou a dar, em um dia 121 litros e meio de leite... Mas tambem, nesse mesmo dia, ingeriu 79 quilos de alimento!

NOMES CURTOS

Na Escola de Medicina de Baltimore estava matriculado um estudante chinês que se chamava *I*, e que por isso, tinha talvez o mais curto nome que existe.

Em França, ha nomes que se poderiam traduzir por uma simples consoante, como sejam os de Paire, Nesse-Hair, Geay e Say. Em França tambem há duas aldeias chamadas *O* (no Ourc) e *I* (no Somme), esta ultima destruida pelos alemães e condecorada com a cruz de guerra.

UMA NOVA INVENÇÃO

Um japonês construiu um aparelho destinado a copiar as composições musicais. Consiste num teclado semelhante ao de um piano e reune dispositivo electrico comparado ao duma vulgar máquina de escrever. O funcionamento é simples. Batem-se as teclas como se tocasse piano, encarregando-se do resto o aparelho inventado, que reproduz as notas em um papel.

O DOMINGO ilustrado

TEATROS

O HOMEM DAS 5 HORAS

Um grande exito na Trindade

Joaquim Almada acaba de obter, com a representação de «O Homem das Cinco Horas», que Alvaro de Andrade adaptou com rara felicidade á nossa lingua, um sucesso enorme que definitivamente o consagrou como um grande actor comico, possuidor dum publico enorme, e senhor de processos inteiramente seus.

Não vem longe o dia em que Joaquim Almada terá na scena portuguesa o lugar dum seu homonimo — Joaquim Costa. A sua graça portuguesa, a frescura e expontaneidade do seu talento, tudo nele concorre para lhe dar essa grande categoria.

Grande é pois o futuro deste actor, que o espirito orientador e directivo de Erico Braga tão bem tem sabido estimular e pôr em fóco.

A festa de Palmira Bastos no Ginasio

Com a primeira representação do «Rosario» em traducção primorosa de Accacio de Paiva. vai realisar-se esta semana no Gymnasio a festa de Palmira Bastos. Deve ser um espectaculo de bôa arte. A «mise-en-scène» foi entregue por Gil Ferreira aos artistas Mergulhão (1.º acto) e Leitão de Barros (2.º e 3.º actos). A festejada ostentará «toilettes» modelos.

CARLOS LEAL

O notavel actor popular do Maria Victoria e nosso amigo acaba de lançar a nova edição do seu livro «Demolindo», que tanto exito alcançou. Por isso o felicitamos.

palestras de café...

Alguns paradoxos da vida de comediante

—Na vida do artista de teatro não ha apenas, caro amigo, o paradoxo de Diderot. Ouça esta historia. Uma jovem comediante, recemnascida do Conservatorio, foi escriturada para um dos nossos teatros de declamação. Deram-lhe seis centos escudos de ordenado e um papel interessante. Marcou-o e, terminada a rectificação, o ensaiador chamou-a e disse-lhe: —«Como tencionas vestir esta senhora?». «Ainda não sei bem» respondeu a pequena. «E' muito simples» explicou o mestre. A figura principal da peça é uma actriz de nomeada em Paris. Tu és sua amiga e um pouco sua rival no tablado. No primeiro acto, ela está decidida a abandonar o teatro por se sentir velha para certos papeis. Solução inverosimil, porque nunca uma actriz se sentiu velha... Mas adeante... Vens visitá-la. E' de tarde e na primavera. Trazes um vestido elegante, a que, de resto, se fazem referencias na peça. No segundo acto, a tua amiga abandonou o teatro e vive no campo entregue á vida de familia. Chegou de automovel. Claro está: capa de automovel, chapeu apropriado, etc. Ficas para te demorares uns dias, reapareces dali a pouco com uma «toilette» clara, fresca, graciosa etc. No terceiro acto é inverno. A tal actriz voltou com o seu proposito atraz. Já se sente nova outra vez. Estamos em Paris, em plena «saison». Vens vê-la com um vestido da estação, péles, abafos, se possivel fosse uma capa sumptuosa...». A actrizinha tinha escutado tudo isto em silencio. No fim, perguntou:—«Mas, snr. F..., eu ganho seis centos escudos por mez. Sou casada ha mezes. Meu marido começa a sua vida e ganha ainda menos do que eu. Como hei-de eu fazer quatro vestidos para uma peça e trazer, ainda por cima, uma capa de peles?»

—A pequena tinha rasão...

—O ensaiador coçou a calva e murmurou:—«Não sei, não sei...» A empreza foi prevenida e, não se atrevendo ninguem a dizer á pobre rapariga que «se arranjasse como podesse»—e todos sabem o que isto quer dizer—tiraram-lhe o papel que deram a outra, a qual, valendo-se um pouco de material em guarda-fato, ainda assim gastou dois contos de reis. A peça foi trez noites. O mais curioso é que a jovem comediante dos seis centos escudos teve papel na peça seguinte. Tratava-se duma campónia, com saia de chita e sapatos de bezerra. Pois, nessa altura, mandaram-na ao guarda-roupa escolher o fato. Não acha curioso este paradoxo que acontece todos os dias no teatro?

—Não ha duvida. O certo é que as actrizes arranjam-se quasi sempre.

—Se todas respondessem ás emprezas citando o ordenado a par dos orçamentos das modistas, haveria qualquer cousa de novo sob o sol das gambiarras. Mas não haverá, descance...

*

—Outro paradoxo curioso é o seguinte: O senhor é emprezario. Tem dez artistas femininas no seu elenco, a não ser que o seu teatro seja musicado porque então tem quarenta ou cincoenta. No primeiro ensaio aparecem-lhe nos bastidores, nos corredores, nos camarins, dez, quarenta ou cincoenta senhores, uns conhecidos outros totalmente desconhecidos. Indaga acerca destes:—«Quem são?» D'uns dizem-lhe logo:—«E' o rapaz de Fulana, de Cicrana, da Germana, da Beltrana» Outros não se sabe ainda ao certo em quem estão filiados. E, até ao fim dos ensaios, depois durante as representações, esses senhores conversam nos corredôres, sentam-se na plateia, são da casa em resumo.

—Já tenho reparado.

—Pergunto eu: se essas senhoras, em vez de serem actrizes ou coristas, fossem caixeiras do Grandela ou costureiras do Ramiro Leão, levariam os seus «mais-que tudo» para o pé dos seus balcões ou das suas maquinas de costura? Como receberiam os patrões essas visitas inoportunas?

—Sim... Mas é que o teatro não é uma casa de trabalho, não é uma oficina...

—Ah! Perdão! Eu cuidava que sim.

*

—Ainda outro pequeno paradoxo da vida de palco. Supônha o meu amigo que é merceeiro e tem varios marçanos.

—Quem me dera!

—Tambem a mim. Isto é uma simples hipótese. Supônha que os seus marçanos, fora da loja, ou mesmo ali nas suas barbas, a um curioso que indagasse: «Que tal é a manteiga que o seu patrão vae pôr á venda?» respondessem: «Uma porcaria, uma mixórdia»? Que faria o meu amigo?

—Punha sem tardança os meus marçanos a andar.

—Pois é correntissimo um artista escriturado discutir ás claras a qualidade do espectaculo em ensaios, achar que êle está mal distribuido, que o emprezario é um asno, etc. Nunca os ouviu?

—Ora essa!

—Já sei o que me vae dizer: que o teátro não é uma casa de comercio. Pois eu cuidava que sim...

A. B.

Ilda Stichini-Alexandre de Azevedo

Acaba de constituir-se um novo agrupamento artistico enquadrado sob os nomes prestigiosos de Ilda Stichini e Alexandre de Azevedo.

A actriz que vai ser primeira figura dessa companhia é um elemento de teatro que conta com um publico enorme, e com aquela «chance» de simpatia, que torna felizes todos os negocios em que se mete a graça da sua mocidade tão portuguesa.

Alexandre de Azevedo é um grande actor. E raros são os que com justiça podem usar como ele este pesado adjectivo.

Esperamos confiadamente que da junção destes dois grandes nomes, alguma coisa surja para o teatro português de digno, de honesto, e de purificador.

S. Luiz	Gymnasio	Avenida	Politeama	Nacional	Trindade	Apolo	J. Almeida
Companhia Armando Vasconcelos com Auzenda de Oliveira. «Roma galante».	O «Az» com Palmira Bastos, Gil Ferreira e Silvestre Alegrim. Enorme exito.	Sempre «O Pão de Ló» peça de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos e Henrique Roldão.	Variedade em sessões cinematograficas.	Grande exito da peça «A Dança da meia noite», de Mére, tradução de José Sarmento.	A grande companhia Lucilia Simoes-Erico Braga. O homem das 5 horas.	Companhia sobre a direcção de Rafael Marques, «Os milhões do Criminoso».	Inauguração da epoca de verão com a aplaudida revista «Fox-Trot».

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

A lenda do Aviador que se perdeu no Mar do Norte

Admiravel novela onde passa, na prosa plastica e moderna dum jornalista d'hoje um caso de singular interesse.

CERTO dia, um velho marinheiro que servira com ele a bordo do «Antilope» tocou-me no braço com ar de misterio e disse-me:

—Ele não morreu.

—Como sabes tu?

—Alguem o viu.

—Onde?

—Numa praia da Holanda.

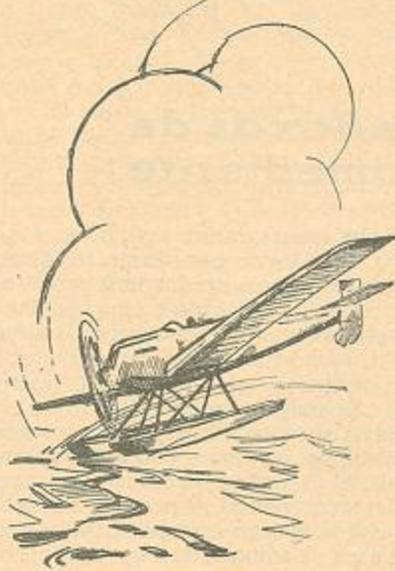
Ainda estava na memoria de todos a recordação trágica do naufragio. Uma bela manhã o aparelho levantara vôo da costa holandêsa, com destino a Portugal. O ceu estava claro. Soprava um vento fraco de noroeste. Cortavam o espaço, lentamente, asas brancas de gaivotas.

E a enorme gaivota pintada de cinzento, que tinha no logar do coração um motor a pulsar com duas mil rotações por minuto, riscava o azul a sessenta milhas á hora. Em baixo, corria a fita verde do litoral, salpicada de rectangulos brancos e côr de rosa.

A certa altura, uma barra de nevoeiro escondeu o horizonte. O aparelho mudou de rumo. Diante dos olhos, em todas as direcções, alastravam flocos enormes de algodão em rama. O sol encobriu para alem das nuvens. O piloto deixou de ver terra. Caíam-lhe gotas de agua fria em cima da pele. Voava agora sobre o mar.

Cada vez era mais denso o nevoeiro. Nem um ponto de referencia ao largo, nem um raio de sol a cortar aquele oceano cinzento de neblina, nem uma clareira de onde se pudesse avistar a superficie azul do mar.

Desceu então, procurando a visibilidade que acima das nuvens não tinha. O nevoeiro tocava a linha de agua. E, como não tivesse tempo de medir a altura que o separava do mar, um utuador riscou as ondas, toda a bisarma rangeu dolorosamente e a massa enorme do avião começou lentamente a ser tragada pelas aguas.

Ouviam-se ao longe os sinais sonoros dos farois ingleses. Grandes velas passavam ao largo, perdidas na bruma.

Um fluctuador riscou as ondas...

Cruzavam a Mancha altas chaminés que se dirigiam para o Mar do Norte. E ninguem o encontrou. Um barco de pesca que bordejava proximo de Bolonha avistou um flutuador abandonado á tona d'agua. Vieram milhares de pessoas ver o tragico destroço a uma praia risonha da Mancha. E todos se descobriam respeitosamente, como diante da sepultura dum heroi.

Largo tempo as antenas da T. S. F. interrogaram o espaço. O mar foi batido por torpedeiros em todas as direcções. Outras aves levantaram vôo, á procura do seu irmão querido. E era sempre o mesmo silencio misterioso. E era sempre a mesma imensidade desolada. Ninguem o viu no ar, ninguem o viu cair, ninguem o viu no mar. Sabia-se que poucos dias antes de partir falara com ternura de Portugal, numa lareira holandesa. Depois, os jornais anunciaram que o seu cadaver tinha dado á costa e que se preparavam honras funebres para acompanhar o corpo do heroi a Portugal. Mas não era verdade. Continuava sempre a mesma interrogação dolorosa sobre a sorte do aviador que se tinha perdido numa manhã de nevoeiro, no Mar do Norte. E um velhinho que todos respeitavam, como se fosse a voz magoada dum profeta biblico, dizia: «Resta ainda uma esperança».

Mas passaram os dias, passaram as longas noites sem noticias e os mais confiados começaram a acreditar num milagre. Quem sabe se ele vive ainda?

Um jornalista de olhar iluminado e de longas barbas proféticas escreveu um dia: «A alma portuguesa, contemplativa e sonhadora, alimentará por largo tempo a esperança dum milagre».

Não! não podia ter morrido o aviador que se perdeu entre os nevoeiros do Mar do Norte. Por aquelas paragens voga ainda o navio fantasma. Quem sabe se ele foi recolhido a bordo do navio fantasma?

Já tivemos um rei que se perdeu nas areias calcinadas do deserto. E durante longos anos todos o esperaram a bordo duma caravela, que havia de entrar a barra numa manhã de nevoeiro. Por isso eu dei ouvidos ao marinheiro que me falou dele com as lagrimas nos olhos:

—Alguem que veio da Holanda e que o conhecia como os seus dedos, sabe que ele vive ainda.

E alongando o olhar iluminado por sobre as ondas:

—Numa aldeia de pescadores, vivendo a vida humilde da companha, vai todos os dias para o mar. Não tinha familia... A sua familia eram os marinheiros e tinha por noivas todas as estrelas... Hoje, quando volta do mar, encontra sempre no caminho um sorriso de mulher...

—Mas como sabes tu?...

—Ele contou-me tudo e pediu-me segredo. Nunca mais volta... O mar deu-lhe a felicidade que a gloria não foi capaz de lhe dar...

- Mas tu viste-o? Falaste-lhe?

—Vi-o com estes olhos que o mar ha-de comer. Falei-lhe com esta bôca que sabe a agua salgada como uma posta de peixe fresco.

—E ele o que te disse?

—Disse-me que não voltava. Que amava profundamente uma mulher e que não trocaria os seus braços por nenhum bem do mundo. Uma noite, na praia, enquanto um raio de luar brincava com uma trança loira, ouvi a sua voz dizer-me:

«—Vês aquela estrela, alem, marujo? Foi ela que me salvou da morte. Quando o avião mergulhou no abismo, eu fiquei por milagre em cima dum flutuador. Aguentei-me assim algumas horas á superficie do mar. Voguei por entre o nevoeiro, empoleirado naquele tragico destroço de naufragio. Quando

Vimos os dois todas as noites adorar aquela estrela.

levantava a neblina, avistava ao longe a silhueta risonha da costa holandêsa. Passavam ao largo as bisarmas negras dos navios, que não me podiam vêr. Caiu a noite e o ceu ficou estrelado. Era tão parecida aquela noite com outra de que a minha memoria guarda ainda uma recordação! E eu continuava a olhar para as estrelas. Onde estava a minha? Ter-me-hia abandonado a minha estrela? «Madrinha do meu amor, dizia baixinho, porque não vens tomar-me nos teus braços?! Embala o meu sono, madrinha, e dize-me com doçura, como quando eu era menino: *Dorme, dorme, meu amor, que a tua estrela não tarda...*». E, como por encanto, uma luzinha brilhava no firmamento.

Era a minha estrela. De madrugada, avistei um barco de pescadores, que me recolheu a bordo. Vesti uma farda de marinheiro e troquei a minha profissão gloriosa pela profissão daquela gente humilde. E aqui tens, marujo, por que vimos todas as noites os dois adorar aquela estrela.»

Calou-se o marinheiro e eu pensei: «A aguia não morreu. A sua memoria vive ainda. Está comnosco. Paira sobre o Atlantico.»

NORBERTO LOPES

Concurso de Novelas Curtas

OS NOSSOS CONCORRENTES PREMIADOS

O sr. A. Fivelim Costa, concorrente premiado com o 2.º premio, obtido com a sua esplendida novela já publicada por nós, com o titulo «Maria Madalena».

EQUIVOCO

—Tem mais alguma coisa para ajuntar á sua defesa?
—Mais, sr. dr.? Então eu não lhe dei já duzentos milhafres?

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

A HORA DO AMOR

Uma pagina do nosso concurso de novelas onde um rapaz da alta sociedade se revela um escriptor de merito.

ERAM cinco e meia quando Carlos entrou na 'Garrett' aonde todos os dias vinha a tomar o seu chá e comer a sua torrada. O 'chasseur' tomou-lhe da bengala e do chapeu, e, devagar, Carlos entrou na sala, olhando quem estava. No fundo desta, á esquerda, um sujeito gordo e calvo, arrepanhava a cara no esforço de prender um monoculo. Noutras mezas, comendo e conversando, outros homens, mulheres, gente conhecida de Carlos, e no ambiente daquela casa «chic» pairava um ar de doce discrição.

Carlos fixou uma meza, onde uma senhora, os olhos vagos e distraídos, comia devagar um bolo, enquanto sobre a meza, uma chavena de chá deixava escapar um leve fumo que lhe envolvia, esbatendo-o, o perfil fino e grave. Mas sim, era Luiza, pensou, e com um brilho de alegre surpreza nos olhos, Carlos foi-lhe falar.

Ela surpreendeu-se tambem com o encontro e os dois ficaram por um momento embaraçados, como amigos antigos que já ha muito se não vissem. Ela articulou baixo:

Oh! Carlos que belo encontro! E ele comovido, sem saber porquê, concordou. Falaram mais e Luiza pediu-lhe para se sentar na sua meza. Ele aceitou, vermelho de prazer...

Havia tempos que Carlos e Luiza se conheciam. Ele fôra amigo do marido dela, um homem de negocios gordo e bonacheirão, mais velho que Luiza vinte anos. E esta união desigual produziu os seus frutos, tendo o marido de Luiza pedido o divorcio, que ela aceitou de boa mente, farta de aturar aquela gordura balofa. No entanto, afim de evitar uma funesta divisão de bens o marido estabeleceu-lhe uma pensão avultada. Durante todo esse largo tempo em que correu o divorcio, Carlos visitava-a no Palace, onde ela se hospedára. Recebia-lhe as confidencias, ia esperá-la á saida dos teatros e nas doces manhãs de outono, davam os dois, passeios até aos arredores de Lisboa, em automovel com os «stores» corridos, por prudencia.

Foi assim que Carlos, rico e livre, se foi prendendo no encanto daqueles olhos azuis, enredando naqueles finos cabelos louros, que davam a Luiza um tom de virginal candidez. Numa noite, ao conversar com ela naquele quarto de hotel, onde a cama aberta, incitava, como um desafio, á conquista e ao amor, Carlos prendeu-lhe as mãos e baixo disse-lhe: Amo-te, e os seus labios prenderam os labios dela num longo e profundo beijo. Luiza, tonta pela caricia, abandonáva-se-lhe nos braços, mas subito teve um «haut corps» e disse-lhe: Não Carlos! Não!

Ele lembrou-se então da situação dela, entreviu todo um mundo de complicações desastrosas e foi-se embora, fechando de manso a porta do quarto. Só mais tarde compreendeu todo o erro da sua conduta e decidiu não tornar a vê-la; de resto tinha que partir para Londres e na balburdia duma partida rapida esqueceu-se até de lhe escrever...

Agora contavam um ao outro o que tinham feito durante esses longos oito mezes em que se não tinham visto, as suas viagem, por Paris, Londres, e foi ele quem estouvadamente aludiu primeiro ás noites do Palace. A essa alusão o sorriso claro que brilhava na face de Luiza, emurcheceu. Ele tambem sentiu o equivoco da sua frase e entre os dois fez-se um silencio. Os musicos atacavam agora um «fox» barulhento e das mezas evolava-se um fumo de cigarros, que ondeava até ao této em espirais azuladas. Os «chasseurs» esperavam qne algum freguez puxassedum cigarro para rapidos e servis o irem acender.

Contavam um ao outro...

Sairam; cá fora tinha acabado de chover. Um automovel da Companhia avançou roncando e Luiza subiu para ele. Carlos murmurou então, todo vergado:

Lançou-se-lhe nos braços.

Porque não vem amanhã a minha casa ver a minha nova mobilia, comprada nas Artes Décoratifs, o meu «studio» de solteiro? Havia tanta suplica naquela voz e lealdade naqueles olhos de homem, que Luiza respondeu «Sim», para mostrar-lhe, talvez, que era livre e forte.

O auto partiu, e á esquina da rua dois rapazes olhavam Carlos que no passeio acendia um cigarro...

No outro dia, que amanheceu chuvoso e triste, Carlos até ás trez horas andou numa impaciencia, com medo que ela faltasse.

Eram trez e dez quando ela chegou, lançando-se-lhe nos braços, num longo abraço. Lembraram um pouco os tempos antigos, riram muito, Carlos quiz acender a electricidade mas Luiza opoz-se, «que não acendesse, esta penumbra era bem mais agradavel». A Carlos isto pareceu-lhe como um incentivo ao seu desejo e foi sentar-se a seu lado, no largo divan.

Carlos debruçou-se e deu-lhe um beijo na nuca, e então enlouquecido por aquele corpo de mulher, embriagado pelo seu perfume, multiplicou os beijos, agarrando-a pela cintura,..

Ela dizia (como outrôra): Não; e num movimento mais brusco escapou-se-lhe dos braços, fugindo para o meio da sala. Carlos levantou-se para de novo a agarrar. Ela olhou-o com energia e Carlos interdito, nervoso, perguntou-lhe: Para que vieste? Sim! Para quê?

—Ouve, — respondeu Luiza, nem eu sei. Da outra vez, lembras-te? tu tives te-me nos teus braços... todo o meu corpo eu oferecia-to então.

Soára para mim a hora do amor e se tu me tivesses tomado nesse momento, terias, para sempre, em mim, a mais amante das mulheres, a tua melhor escrava. Essa Hora passou, por tua culpa, e agora eu podia entregar-me ao teu desejo, mas isso nada te faria e eu... e eu não te poderia amar! Adeus!

Carlos sentiu a porta bater; em baixo o auto roncou forte, e o ronco foi diminuindo de intensidade, confundindo-se com os outros ruidos, com a treva que caváva no seu gabinete manchas escuras, negras.

Pareceu-lhe que qualquer cousa se houvera quebrado no seu ser. Olhou espantado em roda, por ver tudo quieto, nos seus lugares. Houvera alguem que nesse gabinete falára numa Hora do Amor e esse alguem fôra Luiza, que sentíra, outróra, ha muito tempo, soar essa hora, que agora batia para ele, lugubremente, no Relogio da Vida, como um justo castigo do seu Egoismo de homem.

LINDORFE BASTO

UM NOVO GRANDE CONCURSO LITERARIO

destinado a obter o maior exito.

O CONCURSO DO SONETO

que brevemente abriremos e que se dirige aos muitos poetas novos que têm surgido, e entre os quais muitos se têm já revelado possuidores de excelentes qualidades.

Admiraveis premios constituidos por grandes obras de literatura, entre os quais VOLUMES DE VERSOS COM AUTOGRAFOS dos nossos maiores poetas:

Eugenio de Castro
Branca de Gonta Colaço
Virginia Victorino
Augusto Gil, Antonio Corrêa d'Oliveira
Oliva Guerra, João de Barros,
Americo Durão Matos Sequeira
e muitos outros.

DE VIAGEM

—O Sr. Almeida está em casa?
—Não, está no cemiterio desde manhã.
—E demora-se lá muito tempo...
—Creio que nunca mais volta...

VARIA

CAMPO PEQUENO

PARA conclusão das provas praticas no concurso destinado a conferir as honras de toureiro com T grande, ao profissional que melhor classificação tivesse obtido nas referidas provas, bem como o inicio de outro concurso de pegadores e ainda mais a alternativa de José Tanganho e a segunda apresentação do espada «Parejito», realisou-se na segunda feira a corrida que ficára transferida de domingo, devido ao tempo chuvoso que se manteve em constante «lacrimação» desde manhã até ás quatro horas da tarde.

A concorrencia, que ocupou quasi tres quartos da lotação, saiu satisfeita com o bom resultado da corrida, que não foi das peores.

Os touros, de regular corpulencia, muito nobres e bem tratados, especialmente os da primeira parte da corrida, contribuiram bastante para os vibrantes aplausos consecutivamente concedidos aos lidadores que tiveram uma bela ocasião de poderem brilhar.

Sobresairam em toda a corrida, Agostinho Coelho que fez duas optimas «gaiolas» e mais dois bons pares; Antonio Carvalho, cravou um excelente par «cambiado» e mais outro muito bem; Custodio, em dois pares e superior no manejo de capote; Alfredo dos Santos, com a muleta tirou uns passes adornados, abusando um tanto da mão direita..., Muñoz Crespo, dois pares bons e o «espada» salientou-se em dois pares cambiados, delirantemente aplaudidos, bem como com o capote, fazendo cousas muito interessantes.

O heroe da tarde, José Tanganho, que alvoroçou quasi toda a Europa... no celebre «raid» hipico, não esteve infeliz na sua estreia de cavaleiro tauromaquico.

A farpa de abertura, após a alternativa concedida por Elmino Teixeira, foi bem colocada e teve mais outro ferro comprido de grande mestre, seguido de dois curtos, regulares, e no toureio a duo com o seu colega Elmino, esteve superior a este, recebendo por esse motivo uma carinhosa manifestação em redor da arena.

Compartilhou desses aplausos o seu grande mestre e respeitavel autoridade no toureio a cavalo, o sr. Victorino d'Avelar Froes, que assistiu á corrida num fauteuil sobre o touril.

O novel cavaleiro apresentou-se bem montado, com muita equitação e alguns conhecimentos de toureio. Se enveredar por bom caminho, teremos um excelente profissional.

Houve mais uma péga rijissima do valente forcado, Ignacio Burrico.

O bandarilheiro Custodio Domingos, compareceu no final da corrida, no Banco do Hospital de S. José afim de se tratar do desastre que sofreu no torax, ao ser colhido na lide de capote, no 1.º touro, lamentando este artista a escassez de socorros que não lhe foram prestados na enfermaria da Praça.

Custodio Domingos, pediu-me para que por este meio tornasse publico o seu reconhecimento, pela forma carinhosa como foi tratado no Banco do Hospital de S. José, pelos senhores Dr. Fernandes Lopes e enfermeiro Oliveira.

ZÉPÊDRO

* * *

Detalhe da corrida, de hoje, no Campo Pequeno

1.º touro para — Simão da Veiga.
2.º touro para — Bandarilheiros.
3.º » » — Antonio Luiz Lopes.
4.º » » — Espada «Antonio Sanchez».

INTERVALO

5.º touro para — José Tanganho.
6.º » » — Bandarilheiros.
7.º » » — Simão da Veiga e Antonio Luiz Lopes.
8.º » » — Bandarilheiros.

Este programa pode ser alterado por qualquer motivo imprevisto.

N.º 2 — 1.ª SERIE

SECÇÃO CHARADISTICA SOB A DIRECÇÃO DE JOSÉ D'OLIVEIRA COSME — DR. FANTASMA

2 MAIO 1926

QUADRO DE HONRA

D. SIMPATICO, SANCHO PANÇA. VIRIATO SIMÕES, P. J. M.

DECIFRAÇÕES DO N.º 64

Contra-peçonha, bem-parecido, buchão, amora.

CHARADAS EM VERSO

1) Sobre charadas, muito *parvo* me tem dito: —2
—«Como tu tens tempo assim, Lhálha, para isto!
Eu quero trabalhar; mas, depressa desisto.
Em casa, estou nervoso, sinto-me exquisito.

E' que, perdendo o tempo sem um util fito,
Muitos doidos ha neste mundo de Cristo
Façam como eu, que a todo o momento, assisto
No meu acônchegado lar, sempre bem dito.

Bem aproveitado, o tempo, dá para tudo,
Como tudo, a seu tempo, sempre se fará:
Basta, à tentação, ser-se cego e *até* mudo.—1

Não se va para o giro nem, tambem, se vá
P'ra Cafés e *batota*, a fingir de graúdo
Porque, em nossa casa, é onde bem se está!

Lisboa — LHALHA (da T. E.)

2) São olhos apreciados
Todos que têm fulgor;
Mas só me inspiram amôr—1
Os azues, p'ra mim, sagrados.

É tão linda a sua côr!
São tão lindos, azulados!
São olhos apaixonados
Que eu aspiro, com fervôr!

Os olhos duma donzela,
Da côr do céu, a mais bela,
Meus labios sonham beijar ..

A ti, vou *pedir*, por Deus—2
P'ra beijar os olhos teus
E, em troca, a vida te *dar*!...

Lisboa — ZEQUITOLES

LOGOGRIFO

(*Ao generoso e abundante confrade* Lord Dá Nozes)

3) «Lord Dá Nozes», amigo *sincero*—1—5—3—8
E, que eu tenho na conta dos bons,
E rapaz a quem eu muito quero
E estimo pelos seus altos dons.

Se, *esgotado*, eu a casa del' fôr—7—2—4—8
E que, ainda, não tenha jantado,
«Lord Dá Nozes» faz, logo, o favor
De, bom vinho, ir buscar com agrado.

Mas, depois de um copito bebêr—1—2—3—8
E, de um bolo, ta bem, mastigar,
Finjo, logo, não qu'rer mais comer
Nem bebêr o famoso nectar.

Mas como eu não possuo *gordura*, 6—5—4—8
«Lord Dá Nozes», amigo, me diz:
—«Come e bebe, rapaz, com fartura,
Que é p'ra vêr se te engrossa a cervix!

E eu, comendo e bebendo a valer,
O nectar licoroso e pref'rido,
Vou p'ra casa c'o'o corpo a tremer,
Dando, assim, uma ideia de ir *f'rido*!

Lisboa — CAMARÃO (do G. E. L.)

CHARADAS EM FRASE

4) Nesta *ocasião* e com essas *maneiras*, dir-se-ha que acaba de *ferir* alguém! —2—1

Lisboa — AVIEIRA

5) Não *«consinto» um* extranho dentro do meu *bu-co*! —1—1.

Lisboa — REI-VAX

6) *Porém*, o meu *fim* é livrar-me da *injuria*...—1-1

Lisboa — D. SOLIDÃO

7) Se *julga* que trabalho *apenas* por necessidade, engana-se porque sou um *homem riquissimo*! —1—1

Lisboa — AFRICANO (da T. E.)

8) Já me tenho *referido* a *um* homem *próspero*.—1-1

Lisboa — D. SIMPATICO (T. E.)

9) *Apesar de* não ter *dinheiro*, consegui arranjar uma *senha de teatro*.—2—2

Lisboa — ORDIGUES

CORREIO

KURITSA.—Não pôsso publicar a sua charada sem me enviar a respectiva solução que, por esquecimento, certamente, não juntou. Peço, tambem, indique o dicionario em que se verificam os *conceitos parciaes e totais*.

IMPRENSA CHARADISTICA

«O CHARADISTA». — Recebemos o n.º 26 desta esplendida revista trimestral, orgão e propriedade da *Tertulia Edipica*, dirigida pelo ilustre charadista João Francisco Lopes (*Jofralo*). Muito obrigados.

«A ESFINGE».—Foi-nos enviado, tambem, mais um numero desta excelente revista que se publica no Porto e que passa a ser dirigida, d'ora avante, pelo abalizado edipista J. R. Ferreira (*Joraife*) que substituirá o seu antigo director, o distinto poeta-charadista Aristides Ribeiro (*Apolo*). A *Joraife* os nossos cumprimentos e ardentes votos de felicidades.

«FENIX».—Recebemos o n.º 1 desta nova revista literaria e charadistica com séde no Porto, Rua do Comercio do Porto, 175, 2.º. Além duma escolhida colaboração literaria tem, na parte charadistica, os maiores vultos desta tão nobre arte a engrandecer tão louvavel iniciativa. Ao seu director, o distinto confrade José Pereira da Silva [*Jopedasi*] e a toda a redação enviamos os nossos parabens e fazemos votos para que tão ardua tarefa tenha a compensação merecida.

EXPEDIENTE

O prazo para a recepção de decifrações é, *rigorosamente*, de 15 (quinze) dias. Todos os decifradores que atingirem *pelo menos* 50 % das soluções *devem indicar a produção que mais lhes agradou* neste numero. Os colaboradores devem mencionar os dicionarios onde se verificam (*rigorosamente*) os *conceitos parciais* e os *conceitos totais* dos seus trabalhos.

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a Rua Alvaro Coutinho, 17, r/c. Lisboa.

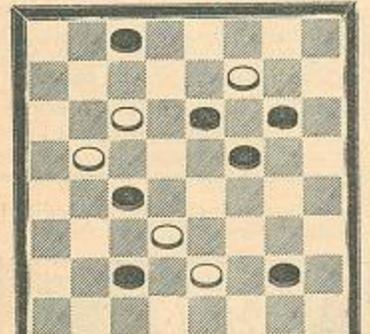
MUITO IMPORTANTE — Serão anuladas, sem distinção, todas as listas que, *contendo pelo menos* 50 % das decifrações, não tragam a *votação* do melhor trabalho publicado.

DR. FANTASMA

solução do problema n.º 66

	Brancas	Pretas
1	13-6	28-1
2	2-6	1-19-12
3	21-25	29-22
4	31-17-7-16-30	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 67

Pretas 7 p.

Brancas 5 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 65 os srs.: Artur Santos, Augusto Teixeira Marques, Carlos Gomes (Bemfica), D. Emilia de Sousa Ferreira, Neulame, Ruy Freiria; Sueiro da Silveira, Um oficial (Foz do Douro) e Vicente Mendonça.

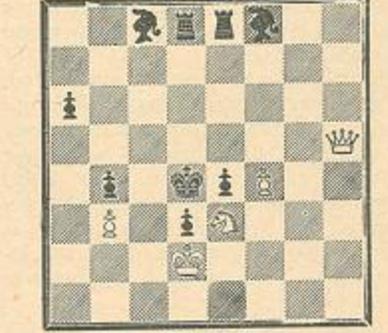
O problema hoje publicado foi-nos enviado pelo sr. Brato Faria.

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardozo.

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 67

Por S. Loyd

Pretas (9)

(Brancas (5)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

Tema de intercepção das pretas figurando tubos de orgão.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 65

1 B 1 C D

Uma chave curiosa pois vae pregar uma peça branca activa.

Resolveram os srs. Nunes Cardoso. Club Portuense (Porto), Sueiro da Silveira, Marques de Barros, Vicente Mendonça e Salazar d'Eça.

A nova serie da «Alma Nova» publica um secção de de xadrez dirigida pelo dr. Mario Pereira Machado.

Grafologia

RESPOSTAS A CONSULTAS

SEMPRE FIXE.—Espirito vivo e finamente intuitivo, trato afavel e um tanto diplomata, generosidade, mundanismo, muito dedicada com os seus, espirito religioso sem exagero, ordem, boa memoria, reserva e discreção.

DAMA QUE NUNCA AMOU.—Inteligencia pouco cultivada, caprichosa, puerilmente vaidosa, tendencias romanticas e caracter um tacto triste e melancolico (improprio da sua edade; trate de amar e ponha-se alegre) boa memoria, ordem, habilidade manual.

GARÇONNE.—Temperamento impulsivo e dedicado, bom gosto, amante da literatura, sensualidade cerebral, força de vontade teimosa, lealdade, boa memoria, amor á verdade.

MAX LINDER.—Caracter ambicioso e ao mesmo tempo gastador e generoso, espirito fino e intuitivo, boa e cultivada inteligencia energia moral, actividade, orgulho intimo e pouca vaidade, ordem, amor ao trabalho, lealdade, mentiroso quando é necessario.

ROSA BRANCA.—Caracter impulsivo, um tanto egoista e com pouco dominio sobre si propria, excessivamente nervosa e má diplomata, orgulhosa, prodiga ás vezes e economica outras, inteligencia não muito cultivada, amor ás bonecas e ás coisas frivolas, um tanto supersticiosa.

EMPIRE.—Inteligente, inergico, trabalhador, esperto nos negocios e audaz, fortemente sensual e dedicado, optimista, generoso, leal com os amigos e terrivel como inimigo, bom coração mas pouca meiguice.

MEANA.—Caracter pratico analisador e calculador, bom gosto, amor á literatura, orgulho sem vaidade, ordem de ideias e desordem dos objectos, generosidade bem entendida, energia moral, trato afavel, verbo facil, inteligencia rapida e juizo critico acertado.

ABEL C.—Inteligencia boa mas mal aproveitada, um tanto vaidoso (não sem razão) bom gosto, trato original, facilmente irrascivel, bom matematico, só em teoria pois é um pessimo administrador de si proprio, rajadas de todo de nervos de alegria e de depressão moral... no funpo um excelente coração.

ENCRE.—Caracter dedicado e amavel, generosidade moral e material, bom gosto, religiosa, entendendo bem a religião e a bondade habilidade manual, boa memoria, pouco vaidosa mas muito digna.

CHELITA.—Força de vontade, vaidade pessoal, calculadora e pratica, ordem, amor aos livros e á estetica, caracter energico e um tanto dominador, bom gosto, inteligencia intuitiva, amor á verdade e á justiça, ambição.

«LIEGE».—Pode servir o grafismo de Chelita, só vejo em este ultimo, mais optimismo e mais nervos.

EGROGE.—Espirito fino, intuitivo e religioso, graça e vivacidade, mundanismo, caracter dedicado facil ás paixões e profundamente ciumento e sensivel, generosidade por habito, muitissimo bom gosto, vaidade um tanto exagerada, ideias largas, ordem de objectos e desordem de ideias.

VIOLETA.—Inteligencia muito assimilavel e mal aproveitada, vaidade pessoal, bom gosto, amor á leitura, bom coração, espirito inquieto, ambicioso e caracter preguiçoso e inactivo, um tanto romantica e fantasista, dedicada e agradecida, generosidade bem entendida, um pouquinho mentirosa.

BLACKAMAN I.—Força de vontade media, espirito um tanto acanhado, inteligencia assimilavel, ordem, economia sem exagero, sentimento de poesia, curiosidade, amor ao trabalho, boa memoria para o estudo e má para as pessoas e para os objectos, lealdade, nervos mal dominados.

VIOLETA DE PARMA.—Caracter impulsivo e um tanto energico, desprendido e leal, boa memoria, bom gosto para tudo, gosta de fantasear depois de ler, sentimento de poesia ambições não confessadas, bom caracter e caritativo, ordem e asseio, sensualidade cerebral.

A. B. C.—Caracter impulsivo, mas com dominio sobre si proprio para se conter, inteligente, um tanto poeta (em prosa) bom gosto orgulho sem vaidade, memoria explendida, sensualidade cerebral, espirito finamente perceptivo e muito subtil, original no trato, leal e com os amigos e mau inimigo.

MARIA HELENA LAGARDERE.—Caracter concentrado e pouco compreendido, bom coração, ordem, metodo, inteligencia lenta, espirito sonhador, pouca vaidade, ambições, amor ao trabalho, generosidade bem entendida, reserva absoluta.

FAN-FAN.—Caracter impulsivo, força de vontade impaciente, amor á discussão, sentimento de poesia, ideias largas, vaidade, ordem, pessimismos passageiros, sensualidade forte.

LILIFAM.—Nervoso e irritavel, inteligencia clara, bom fundo mas pouco afavel no trato, um tanto idialista, curiosidade insaciavel, generosidade, ciumento, bom diplomata quando quer, reservado e orgulhoso intimamente.

RENOCA.—Espirito fino e inteligencia assimilavel, mundanismo, curiosidade um tanto ironica e amiga de fazer espirito, amor á estetica, força de vontade, bom gosto, vaidade bem entendida que consiste na devida dignidade de si propria, memoria regular, independencia de ideias.

ROSA DO ADRO.—Força de vontade media, espirito religioso, um tanto diplomata, caracter dedicado e ciumento, desconfiada e curiosa, ordem, habilidade manual, nervosa, reservada, vaidade intima bem disfarsada.

DOM PACO.-Vê? já cá está! é preciso não ser impaciente e o sr. é bastante, inteligencia muito clara e assimilavel, um tanto original, impulsivo, generoso, ideias largas e independentes, filosofo aos bocados e aos bocados tambem artista, desordem, orgulho sem vaidade, inergia moral; sensualidade forte, bom gosto, ambicioso e trabalhador.

CARLOS FERNANDES.—Caracter impulsivo, habitos de trabalho, ordem, metodo, boa memoria, apaixona-se facilmente, dedicado e brando com os seus, um tanto poeta, muita sensualidade.

UMA QUE ADORA UM JULINHO.—Caracter vivo e caprichoso, optimista, vaidades pueris, espirito fantasiador, desconfiada, amor á dança, bom coração, generosidades prodigas, mais intuição que inteligencia.

AMOR ETERNO. (Como falta a assignatura não respondo pela analise). Espirito fino, um tanto diplomata, dedicada, sensivel e ciumenta, amor aos versos e ás flores, espirito religioso, inteligencia, bom gosto, vaidade e orgulho de si propria.

SANTURSE.—Inteligencia clara e orgulhosa, caracter impulsivo, fantasista e inergico, sentimento de poesia, ideias largas, nervos fortes, amor ás artes todas, generosidade moral e material, boa memoria, amor aos livros e aos bonecos.

VENUS DE MILO.—Caracter energico e um tanto voluntarioso, orgulho desmedido, boa e cultivada inteligencia, espirito, generosidade e lealdade, sensualidade forte, nervos que custa a dominar, temperamento que vibra toda a qualidade de sensações, rajadas optimistas e pessimistas.

UM BOMBEIRO.—Caracter um tanto original, vaidoso, facilmente irritavel, discutidor, dedicado, generoso e sensual, com bom gosto para tudo, trabalhador energico, um tanto mentiroso sem consequencias.

BARÃO DE MANHOLAS.—Força de vontade paciente, ordem exagerada, boa memoria, detalhista, habilidade manual, espirito calmo e boa disposição de animo, vaidades pueris, generosidade bem entendida, amante dos seus leal e dedicado, calmo, amante do lar, mas fatigando-se prontamente.

UM MALMEQUER DO ALEMTEJO.—Recebí a sua atenta carta. Não recebi carta nenhuma com esse nome portanto escreva outra vez e será atendido.

DAMA ERRANTE

Muito importante.—São ás desenas as consultas que recebo todos os dias. Devido ao limite do espaço, não posso responder a todas as cartas tão rapidamente como desejam os consulentes. As cartas são numeradas pela sua ordem de recepção e as respostas seguem essa mesma ordem.

Peço por isso aos meus clientes um pouco de calma e paciencia...

Tambem rogo o favor de não me mandarem consultas escritas a lapis porque de nada me servem.

CONSULTAS PARTICULARES

As consultas para respostas particulares, deverão ser enviadas para esta redacção, com a indicação no subscrito «Consulta particular» e deverão vir acompanhadas de cinco escudos

PALAVRAS CRUZADAS

o passatempo da moda

Secção dirigida por DR. FANTASMA

Nota importante.—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a R. ALVARO COUTINHO, 17 R/C.—LISBOA

As decifrações do problema hoje publicado, devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior, sairá no proximo numero, bem como o QUADRO DE HONRA.

QUADRO DE HONRA

MARIO FREIRIA, MENINA XÓ, AULEDO, KURITSA, N.º 2, DOIS PRINCIPIANTES.

DECIFRAÇÕES DO N.º 66.—HORISONTAIS:— 1—T, 2—tea, 3—fiava, 4—adorada, 5—al, 6—má, 7—enc, 8—opa. 9—Ana, 10—inda, 11—rara, 12—ircob, 13—egrio, 14—tamarindal, 15—Loanda, 16—feridor, 17—égide, 18—caneta, 19—pacigo, 20—ihcas, 21—único, 22—ahct, 23—lido, 24—E AI NIMO, 25—oc, 26—dá, 27—ata, 28—a.

VERTICAIS:— 1—tear, 2—tia, 3—TD, 4—Alcabideche, 5—andorinha, 7—encarai, 8—00, 10—irmec, 12—IAF, 19—pulida, 29—áva, 30—AD, 31—amarelecido, 32—anagógico, 33—anil, 34—arraigo, 35—aindo, 36—ode, 37—notação, 38—drástico, 39—a, 40—anima, 41—tá.

PROBLEMA D'HOJE

Original do nosso ilustre colaborador «ESPECTRUZ».

HORISONTAIS:—1—termina, 2—batraquio, 3—reso, 4—aqui, 5—fruta (plural), 6—instrumento de lavoura, 7—prejudicas, 8—separa, 9—ferver ao lume, 10—flôr, 11—ave, 12—animal, 13—carta, 14—herdade, 15—nota, 16—levantar, 17—folga, 18—terra portuguêsa, 19—pequena, 20—sementeira, 21—partida, 22—memoria, 23—antigo habitante de Portugal, 24—instrumento musico, 25—nas aves, 26—alimento, 27—isolados, 28—tecido.

VERTICAIS:—2—deposito (plural), 4—habitação, 5—resina, 7—discurso, 9—grêda, 16—partir, 20—meia duzia, 22—perversa, 24—cidade da India, 29—cinto, 30—fluido, 31—caritativa, 32—sulcar a terra, 33—torpôr, 34—pêso romano, 35—folga, 36—palmeira, 37—irreligioso, 38—atmosfera, 39—prefixo de extensão, 40—animal, 41—carta, 42—celebridade, 43—espaço, 44—unes, 45—nota, 46—fluído, 47—manto régio, 48—lamento.

CORREIO

DOIS PRINCIPIANTES.—Recebi e agradeço. Sairão na devida altura. Permitam-me um conselho: Escolham papel «mais forte» e «de melhor quali dade» para desenhar os problemas. «Traços firmes» e algarismos «mais perfeitos».

NOTA IMPORTANTE.—O problema publicado no último número é original do nosso muito distinto colaboradôr «Kuritsa» a quem enviamos as nossas desculpas certos de que nos perdoará a nossa involuntaria falta.

DR. FANTASMA

Actualidades gráficas

CHARADISMO

O nosso novo charadista, José de Oliveira Cosme (Dr. Fantasma) que é tambem um musico notavel jazz-bandista do Maria Victoria.

LÁ COMO CÁ...

Um aspecto do parlamento japonez que mostra bem que os seus membros, tal como certos colegas cá do ocidente, se entregam mais aos braços de Morfeu do que aos problemas do Estado...

LETRAS

Dr. Santana Rodrigues, autor da «India Contemporanea», revelação surpreendente da vida antiga e moderna do Hindustão.

NAS BELAS ARTES

Uma bela aguarela do ilustre artista Alves de Sá

A ULTIMA MODA NO CONGO BELGA

Elegante indigena, penteada a capricho, e ostentando no «toitiço» varios utensilios de toilette, como tesoura, pentes, etc.

NAS BELAS ARTES

Uma curiosa paisagem, cheia de côr, de Adriano Costa

Publicidade

O transporte rapido e economico deve-se á

Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs

A INICIADORA DO TAXI EM PORTUGAL

TAXIS CITROËN

(DE PALHINHA)

O Taxi preferido pelo publico

SERVIÇO PERMANENTE DE DIA E DE NOITE

PEDIDOS PELOS TELEFONES **N. 5521 e N. 5528**

Escritorio e Garage:

RUA ALMIRANTE BARROSO, 21 — LISBOA

CARDOSO

134, RUA DA PRATA, 136

OS MAIS CHICS CHAPEUS

MODELOS PARA VERÃO

ESPECIALIDADE E VARIADO

SORTIDO

EM CHAPEUS DE LUTO

PREÇOS MODICOS

CASA

Lopes de Sequeira

FUNDADA EM 1874

MODAS

ROUPARIA

E

BIJOUTERIA

RUA DO OURO, 285 a 293

LISBOA

Lion em Lisboa

RUA AUGUSTA, 259 a 261

TELEFONE N.º 2373

Casa especialisada em sedas, veludos, peluches, astrakans, sombrinhas e outros artigos de alta novidade para senhora, sob a direcção tecnica de Manuel Cardoso, ex-gerente da secção de confecções da Casa Africana.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

ENVIAM-SE AMOSTRAS

Banco Nacional Ultramarino

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

SÉDE — LISBOA, RUA DO COMERCIO
AGENCIA: — LISBOA, CAES DO SODRÉ

CAPITAL SOCIAL	CAPITAL REALISADO	RESERVAS
ESC. 48:000.000$00	ESC. 24:000.000$00	ESC. 34:000,000$00

FILIAIS E AGENCIAS NO CONTINENTE: — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto Regoa, Santarem, Setubal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real Traz-os-Montes, Vila Real de Santo Antonio e Vizeu.

FILIAIS NAS COLONIAS:

AFRICA OCIDENTAL: — S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Loanda, Bissau Bolama, Kinshassa (Congo Belga) S. Tomé, Principe, Cabinda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes e Lubango.

AFRICA ORIENTAL: — Beira, Lourenço Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane Moçambique e Ibo.

INDIA: — Nova Gòa, Mormugão, Bombaim (India inglesa).

CHINA: — Macau.

TIMOR: — Dilly.

FILIAIS NO BRASIL: — Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus.

FILIAIS NA EUROPA: — LONDRES 9 Bishopsgate E · PARIS 8 Rue du Helder.

AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS: — New York, 93 Liberty Street.

OPERAÇÕES BANCARIAS DE TODA A ESPECIE NO CONTINENTE, ILHAS ADJACENTES, COLONIAS, BRAZIL E RESTANTES PAIZES DO ESTRANGEIRO

Telefone 1094 N.

Telefone 1094 N.

A FOTOGRAFIA BRAZIL

: EXPÕE PRESENTEMENTE OS : MAIS ARTISTICOS TRABALHOS DE FOTOGRAFIA D'ARTE QUE : SE EXECUTAM EM LISBOA :

R. da Escola Politecnica, 141

LOPES & CABRAL

Casa especialisada em artigos de mercearia

Produtos nacionais e estrangeiros.
Tudo de primeira qualidade.
Preços de actualidade.

177, AVENIDA DA LIBERDADE, 181

LISBOA

TELEFONE 142 N.

Por 7$500

Pode rir durante duas horas lendo o livro de contos comicos

O CEGO DA BOA-VISTA de

O melhor vinho de meza é o

COLARES BURJACAS

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUEZES

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC. -
TRIMESTRE - 12 ESC. -

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES.

O exito incomparavel do Trindade!

A colossal orquestra Sul-Americana, Rainha dos Jazz-Bands, que o grande emprezario Erico Braga acaba de contratar, e que é a mais formidavel embaixada artistica que nos tem chegado do Brazil — querido e Irmão!